

QUANDO A MARGEM CAPTA UM RESQUÍCIO DO CENTRO: MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES CAMPONESAS SOBRE VIVÊNCIAS MODERNAS

When the margin captures a vestige of the center: peasant memories and representations of modern experiences

Fernando Muratori Costa¹

RESUMO: Este texto resulta de uma análise de dois Trabalhos de Conclusão de Curso feitos por estudantes da Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC)/Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal do Piauí (UFPI), sobre as memórias das transformações nos modos de vida e no acesso a bens, serviços e tecnologias de comunidades camponesas na região do Vale do Gurgueia, sul do Piauí. Faço aqui uma discussão a respeito da forma como os sujeitos do campo desses locais representam o momento em que passam a ter uma relação mais intensa com as produções materiais e simbólicas da modernidade global. Qual é a relação que eles passam a ter com o passado no momento em que essas irradiações da modernidade passam a estar, de alguma forma, mais presentes em seus cotidianos? E qual é a representação que eles trazem do presente? Entendo que essas questões não poderiam ter uma resposta simples ou mesmo homogênea, considerando a complexidade do fenômeno da modernidade, a forma como ela chega às comunidades camponesas e a própria heterogeneidade das memórias. Nesse sentido, neste artigo, escolhi focar naquelas construções de memória e representações que trazem ressentimentos com o passado não-integrado à modernidade e encantamento com o presente em que essa integração começa, ainda de forma incipiente, a ocorrer.

Palavras-chave: Modernidade. Campesinato. Ressentimento. Memória.

ABSTRACT: This text is the result of an analysis of two Course Conclusion Papers done by students of the Degree in Rural Education (LEdoC)/Human and Social Sciences, from the Federal University of Piauí (UFPI), on the memories of transformations in the ways of life and access to goods, services and technologies of peasant communities in the Vale do Gurgueia region, south of Piauí. I make a discussion here about how the subjects in the field of these places represent the moment when they start to have a more intense relationship with the material and symbolic productions of global modernity. What is the relationship they have with the past at the time when these radiations of modernity are, in some way, more present in their daily lives? And what is their representation of the present? I understand that these questions could not have a simple or even homogeneous answer, considering the complexity of the phenomenon of modernity, the way it reaches peasant communities and the very heterogeneity of memories. In this sense, in this article, I chose to focus on those constructions of memory and representations that bring resentment towards the past not integrated with modernity and enchantment with the present in which this integration begins, still in an incipient way, to occur.

Keywords: Modernity. Peasantry. Resentment. Memory.

¹ Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor de História no curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC)/Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Professora Cinobelina Elvas (CPCE), em Bom Jesus (PI). E-mail: fernandomuratori@ufpi.edu.br

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No extremo sul do Piauí, nas comunidades camponesas do Vale do Gurgueia, alguns sons podem ser destacados em meio ao forte calor e à paisagem que se encontra em processo de transformação, devido ao tempo seco, entre os meses de agosto e outubro de 2019, quando as pesquisas de que tratam este artigo foram feitas.

É possível se ouvir um rádio sintonizado na estação local, que toca os grandes sucessos da música sertaneja brasileira, que também está sendo ouvida, ao mesmo tempo, nas grandes e pequenas cidades do país e em diversas outras comunidades camponesas por todo o território nacional. Eventualmente, também toca um grande sucesso do *pop* mundial, o mesmo que pode ser ouvido em alguma metrópole norte-americana, ou em uma comunidade um tanto mais remota no interior de algum país africano. A mesma estação ainda terá momentos em que tocará canções de Roberto Carlos e outros sucessos de décadas atrás, ou então, estilos consagrados no Nordeste brasileiro, como o forró, mas, dificilmente, virão dessa rádio as canções do reisado, ou de novenas, ou cantigas de roda, ou outras canções populares da própria região. Esse som, quando ainda presente, só se ouve nas vozes dos próprios moradores da comunidade.

Aos poucos, outros sons começam a aparecer, como o da televisão ligada na novela, ou no telejornal, apresentado por jornalistas que tiveram suas formas de falar cuidadosamente treinadas para que não evidenciassem qualquer marca de sotaque que tenha relação com locais específicos do país. Ouvem-se também, canções diversas vindas de um telefone celular – músicas que foram baixadas para o aparelho, provavelmente, em algum local com internet *wi-fi* visitado por seu ouvinte. Mas vêm também, ao encontro dos ouvidos, vozes de pessoas conversando, enquanto debulham feijão juntas (ao mesmo tempo em que assistem a novela na televisão, quando há). Essas vozes, muitas vezes, combinam parcerias entre si, como trocas de diárias de trabalho no campo – nos locais onde essa prática ainda ocorre. E em meio a todos esses sons, há momentos no ano, dependendo da localidade, em que surge uma grande intensidade sonora, de muitas vozes conversando, rindo, cantando, pregando peças ou manifestando fé – são as manifestações tradicionais das comunidades camponesas, como festejos, novenas e reisado.

Há, também, contudo, um vazio cada vez maior desses sons em muitos lugares no campo do extremo sul do Piauí. Muitas dessas vozes deixaram suas comunidades e foram soar nas cidades próximas – e até em algumas bem distantes, também – em busca de estudo, trabalho e estrutura de saúde pública; e restaram, nas suas localidades de origem, aquelas vozes mais idosas, entoando falas permeadas de saudades, por um lado, mas, também, muitas vezes, de satisfação com parte de suas

realidades materiais atuais e, até mesmo, em alguns momentos, de um encantamento com o presente.

Nesse ponto, creio que é importante refletir a respeito da discussão trazida por Marshall Berman (2007), quando nos mostra a complexidade do mundo moderno. Frequentemente, somos tentados a pensar a tradição e a modernidade como se fossem mundos separados e imiscíveis, quando, na realidade, eles se atravessam a todo o momento. Mais do que isso, a modernidade *não elimina* a tradição. Pelo contrário, ser moderno é, por um lado, o deslumbramento com o novo, a aventura de se despir de antigos valores, práticas e formas de vida, mas, por outro lado, é a angústia da perda do chão por conta da resignificação do tradicional. Para o autor, a modernidade é “encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos” (BERMAN, 2007, p. 21). E, com isso, é perfeitamente esperado que a tradição seja retomada, ainda que resignificada, em diversos momentos.

Com isso em mente, voltemos às comunidades camponesas do Vale do Gurgueia. No curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) - Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Piauí (UFPI), no Campus Professora Cinobelina Elvas (CPCE), em Bom Jesus (PI), concluí, no período letivo 2019.1, a orientação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de cinco de nossas estudantes. E os artigos resultantes das pesquisas de cada uma delas trouxeram importantes discussões a respeito de temas variados, mas que, em última análise, conectam-se à esfera de reflexões acerca das transformações e resignificações do modo de vida do campesinato, que está intimamente relacionada aos processos modernos e suas relações com a tradição.

Assim, dentro dos textos mencionados, as estudantes Elizabete Alves Carvalho, Eva de Sousa Silva, Jandelly Jauane dos Santos Silva, Monik Lima Santos e Reny Gonçalves de Sousa trazem uma análise, respectivamente, das comunidades Alto Alegre (Santa Luz-PI), Aliança do Gurgueia (Alvorada do Gurgueia-PI), Cajazeiras (Santa Luz-PI), Estribo Formosa (Baixa Grande do Ribeiro-PI) e Alagoado (Santa Luz-PI). Todas trabalharam com a memória das respectivas comunidades a respeito de transformações nos seus modos de vida, ou, no caso de Monik, houve uma análise da memória e do sentimento identitário da comunidade a respeito de uma manifestação tradicional, que até hoje faz parte do modo de ser e festejar de seu povo, que é o reisado. Nos demais trabalhos, houve estudos sobre a memória de uma comunidade ameaçada de desaparecer devido ao êxodo de seus moradores, mas que, mesmo assim, traz uma representação de um presente belo, junto a um ressentimento com o passado (Elizabete); sobre transformações no modo

de vida de uma comunidade e suas representações do presente e do passado a partir do momento em que se passa a ter acesso a determinadas tecnologias de informação e comunicação (Eva); sobre memórias e representações de uma comunidade camponesa em processo de urbanização (Jandelly); e, finalmente, sobre memórias de uma infância camponesa, entre ressentimentos e belos passados² (Reny).

Eu não poderia no presente texto, no entanto, fazer uma discussão que englobasse os cinco trabalhos mencionados, pois ficaria demasiado extensa para um artigo. Nesse sentido, optei por concentrar a análise nos artigos de Elizabete Carvalho e Eva Silva, por evidenciarem uma construção coletiva de memória enquanto identidade social (POLLAK, 1992) de um ressentimento com o passado em oposição a presente bom e belo, *devido* à maior vivência da experiência moderna, conforme discutirei mais à frente. Os demais trabalhos serão analisados futuramente em outro texto, pois trazem, também, construções de memória igualmente relevantes, mas que adquirem outro sentido: o do refúgio no passado diante de um presente em que as tradições foram abandonadas ou ressignificadas (ainda que as respectivas visões do presente venham de forma heterogênea, valorizando-o parcialmente em função da vivência da modernidade). E um outro trabalho, que também será discutido nesse texto futuro – o de Monik Santos – também está pautado na valorização de um passado de tradição, mas, devido à continuidade de sua relevância no sentimento identitário da própria comunidade.

Minha atuação no presente artigo, dessa forma, será no sentido de, partir das discussões feitas em seus TCCs, pelas duas autoras mencionadas, como estudos de casos em que a vivência mais efetiva dos processos modernos, de forma, inclusive, paradoxal à realidade material vivida, pode gerar uma memória ressentida em relação ao passado pelo caráter limitado da inserção nessa realidade moderna. E, posteriormente, quando juntarmos a presente análise dos trabalhos de Elizabete e Eva com a daqueles de Jandelly, Reny e Monik, penso ser possível ampliar o debate e refletir a respeito do complexo emaranhado de memórias e de representações identitárias que puderam ser percebidas pelas estudantes.

Pelas convergências e divergências, sendo todas as comunidades situadas em municípios próximos entre si, acredito que é possível perceber algumas tendências de construções de memórias e identidades sociais que se relacionam ao contexto social vivenciado na realidade camponesa da região, que envolve a relação entre tradição e modernidade, a penetração do capitalismo no campo, o progressivo aumento do acesso, ao longo das duas primeiras décadas do século XXI, a bens de consumo, incluindo algumas tecnologias, a persistente carência estrutural da maior parte das

² Sobre a ideia de *belo passado*, ver Costa (2019).

comunidades, apesar do aumento do acesso ao consumo – envolvendo, dentre outras coisas, o fechamento de escolas do campo e de postos de saúde – e a relação tensa com o agronegócio, a maior bandeira econômica da região, mesmo quando se trata de um local que não é diretamente afetado por conflitos de terra e contaminação por agrotóxicos, por exemplo. E, é a partir desse contexto descrito e de uma análise das discussões feitas pelas estudantes, que farei a minha reflexão envolvendo o trabalho da memória³ camponesa na região do Vale do Gurgueia, no sul do Piauí.

2. O TRABALHO DO RESENTIMENTO: CONSTRUINDO UM BELO PRESENTE

Um dos pontos envolvidos na complexidade do ser moderno, como já mencionei no tópico anterior, é o fascínio com o novo. Entretanto, esse novo não alcança, necessariamente, todas as partes do mundo ao mesmo tempo. Partindo da discussão trazida por Giddens (1991), é possível ponderar que a modernidade tem como uma de suas características centrais, o desencaixe, no qual o tempo e o espaço se tornam fronteiras cada vez mais fluidas e, portanto, determinadas formas sociais, culturais, políticas etc. deixam de ser identificadas, necessariamente, com um território e uma época específicos. O tempo e o espaço se comprimem ao longo dos séculos e, posteriormente, das décadas, desde o início da modernidade até que a informação, as tecnologias, os padrões culturais, o conhecimento científico, a produção material e praticamente tudo que é produzido pela humanidade, seja material ou imaterial, possa ser levado a cada vez mais territórios do mundo em um tempo cada vez mais curto – até chegar a um determinado ponto que Giddens (1991) chamou de *modernidade global*. Ele lembra, no entanto, que a velocidade das transformações e a possibilidade de acesso ao novo não são as mesmas em todas as partes do mundo, ocorrendo primeiro nas partes *centrais*, para, em seguida, serem exportadas para os locais *periféricos*.

Isso fica ainda mais claro quando pensamos que, ainda segundo o autor, duas outras características essenciais da modernidade são o capitalismo e a industrialização. Nesse sentido, os países que se tornaram protagonistas no mundo moderno são os que mais se aprofundaram nessas duas realidades, aumentando sistematicamente tanto sua produção – não apenas econômica, mas, também, cultural, científica e intelectual – quanto a estrutura de distribuição para poder levar seus produtos de diversas naturezas à maior quantidade de consumidores possível.

Em outro trabalho (COSTA, 2019), sustento que, partindo dessa formulação de Giddens (1991), os grandes centros da modernidade global são, nesse sentido, os principais pontos *irradiadores*, pois entendo que uma das facetas da modernidade é justamente a *irradiação*. Não se trata de uma ideia determinista, em que apenas os locais centrais podem irradiar: entendo como se

3 Para uma maior discussão sobre o trabalho da memória, ver Pollak (1989; 1992).

diferentes locais do mundo recebessem e irradiassem, ao mesmo tempo, seu sinal – produções materiais, culturais, modelos de sociedade, modelos de organização política, modelos de movimentos sociais, produção intelectual e tudo o mais que possa ser produzido, vivido e exportado. Entretanto, as “antenas” de alguns desses lugares são dotadas de poder irradiador muito maior do que as demais. Assim, os grandes centros irradiadores da modernidade tendem a ser, também, os maiores centros econômicos do mundo – o que faz, inclusive, com que os locais centrais possam mudar ao longo do tempo⁴. Isso não é difícil de se compreender, afinal, para se exportar não apenas produção material, mas também, produtos culturais, tendências de moda, modelos políticos, configurações sociais, modelos científicos, e tudo o mais que possa ser produzido, é necessário não apenas ser um grande centro produtor de tudo isso, mas, também, ter uma grande capacidade de distribuição, divulgação, propaganda e outros suportes de irradiação⁵.

Nesse sentido, as comunidades camponesas no Brasil, de um modo geral, sempre participaram da modernidade em uma condição à margem: não apenas sua capacidade de irradiação sempre foi mínima, como, até mesmo, a possibilidade de *recepção* sempre foi muito limitada. Ou seja, se suas posições na realidade moderna são, de longe, muito mais de receptoras do que de irradiadoras, até mesmo esse papel esteve limitado por diversos empecilhos, sobretudo, estruturais. Se, por um lado, temos relatos de que os aparelhos de rádio estão presentes nas comunidades camponesas do Piauí desde, pelo menos, meados dos anos 1960 – apesar de que este meio de comunicação começou a se popularizar no Brasil entre as décadas de 1920 e 1930, o que já mostra um pouco dessa condição à margem –, por outro, até o início do século XXI, grande parte dessas comunidades ainda não contavam com abastecimento de energia elétrica.

⁴ Grosso modo, ao longo do século XIX, o Reino Unido ocupou esse papel para muito além do seu império colonial, dividindo parte do protagonismo com alguns países, como a França, mas em uma escala menor. Já no período da Guerra Fria, é possível falar em dois pontos de irradiação com poder maior que os demais: os Estados Unidos e a União Soviética, apesar de haver outros países com grande poder de influência no mundo. No caso do início do século XXI, poderíamos ponderar que a lógica de irradiação vai se tornando mais complexa, envolvendo cada vez mais tanto blocos de nações quanto países como tais irradiadores. Então, teríamos um grande ponto de irradiação nos Estados Unidos, outro na União Europeia, outro na China, que em parte é deste país, em outra parte do bloco econômico BRICS, dentre outros. Ressalto que esta simplificação, com fins de facilitar o entendimento, não pode ignorar que o poder dessas “antenas” também depende do que está sendo irradiado. Alguns pontos do mundo podem ter grande poder de irradiação econômica, mas uma capacidade irradiadora menor quando se trata de modelos políticos ou padrões culturais, por exemplo.

⁵ Nesse sentido, alguns pontos do mundo têm poder irradiador global, enquanto outros conseguem irradiar para áreas maiores ou menores, dependendo de inúmeros fatores econômicos, sociais, políticos e culturais. Uma cidade como São Paulo, por exemplo, tem enorme poder de irradiação para todo o Brasil, tanto da produção econômica quanto da cultural – arte, indústria cultural, produção intelectual, ideias políticas etc. E esse polo, no caso, irradia tanto o que ele próprio produz, como também “retransmite” o sinal recebido dos centros mundiais. O raciocínio também serve para irradiações regionais, estaduais, e assim por diante.

De acordo com informações do *site* da empresa Equatorial Energia⁶, que hoje é responsável pelo fornecimento do serviço para todo o Piauí, entre 2004 e 2017 foram feitas 154.158 ligações de acesso à eletricidade em domicílios rurais do Piauí (PROGRAMA, 2020), através de ações do *Programa Luz para Todos*, do Governo Federal. Considerando-se que, no Brasil, as primeiras iniciativas de utilização de energia elétrica remontam ainda ao governo imperial, na década de 1880, o fato de termos, em 2004, tal número de domicílios rurais⁷ ainda sem acesso a essa fonte energética evidencia o quão à margem essas comunidades camponesas se encontravam e se encontram, até hoje, nos processos modernos.

Além do *Programa Luz para Todos*, é possível falar em outras iniciativas governamentais, ao longo da primeira década do século XXI, que foram proporcionando uma vivência mais efetiva das irradiações modernas para um contingente crescente de pessoas vindas desses locais. Programas sociais de auxílio às famílias de baixa renda, valorização do salário mínimo, política de concessão de créditos à agricultura familiar⁸ – ainda que seja discutível o quanto as famílias camponesas têm, de fato, o acesso facilitado a ele, em comparação, por exemplo, com o crédito disponível para o agronegócio –, dentre outras iniciativas, aumentaram o poder de consumo dessas populações, fazendo com que elas passassem a ter acesso a um volume muito maior de bens industrializados (de acordo com as tendências modernas) do que antes tinham.

Assim, mais famílias no campo passaram a poder comprar geladeiras, fogões a gás, aparelhos de televisão, telefones celulares, motocicletas e, em alguns casos, automóveis e computadores, dentre outros bens de consumo. Além disso, o acesso à universidade se expandiu, gerando novas vagas e, inclusive, novos cursos – como as Licenciaturas em Educação do Campo, que iniciaram as atividades na UFPI em 2014, mas já era algo que vinha sendo aplicado no Brasil desde anos antes. Isso possibilitou que uma grande quantidade de famílias camponesas tivesse, pela primeira vez, parte dos seus estudando em uma universidade.

Assim, devido ao crescimento econômico vivenciado na primeira década do século XXI, às políticas sociais do governo – que não se restringem às que citei acima –, bem como, às demandas dos movimentos sociais, uma parte significativa das famílias camponesas do extremo sul do Piauí

⁶ Importante destacar que, na época em questão, o fornecimento de energia elétrica no Piauí era promovido pela empresa estatal Companhia de Energia do Piauí, que estava, por sua vez, sendo gerida pela Eletrobrás.

⁷ É possível, inclusive, destacar que o número real de domicílios sem acesso à energia elétrica era consideravelmente maior do que esse, uma vez que o próprio *site* da Equatorial Piauí (PROGRAMA, 2020) explicita que, ao final do 2º Termo de Compromisso, em abril de 2017, somente 4.558, das 11.254 ligações contratadas naquele Termo foram efetivamente realizadas, ao contrário do Termo anterior, em que todas as ligações contratadas foram efetivamente realizadas. E, mesmo assim, não temos a informação a respeito de se todos os domicílios que, de fato, estavam sem acesso à energia elétrica estavam incluídos nas “ligações contratadas”. Fora isso, até hoje, ainda temos estudantes do curso que vivem em comunidades sem acesso à eletricidade.

⁸ Que não se restringe à agricultura camponesa, mas, ainda assim, a abrange.

passou a viver com maior intensidade as irradiações da modernidade – bens de consumo, produção cultural e intelectual, formas de produzir etc. –, que passavam a ter meios cada vez mais eficazes de chegar até eles. E isso produziu alterações estruturais nas comunidades que são vistas por uma parte significativa de seus moradores como positivas, devido à comparação feita por eles à realidade de pobreza e de isolamento parcial em que viviam antes e que, apesar de não terem chegado a ser erradicadas, pode-se dizer que tiveram algum nível de atenuação.

Entretanto, sabendo que o trabalho da memória é sempre complexo e que esta se manifesta como uma produção polifônica e heterogênea, ao analisar as memórias camponesas evidenciadas pelos cinco trabalhos acadêmicos que mencionei, percebi que o trabalho mnemônico, nesses casos, ocorre, ao mesmo tempo, de duas maneiras distintas, em relação à realidade vivenciada por esses sujeitos: de um lado, as memórias trabalham para valorizar o momento presente em que, apesar de ainda haver inúmeras dificuldades estruturais socioeconômicas, estas ainda se mostram atenuadas em relação às condições materiais em que essas pessoas viveram no passado; do outro lado, trabalham para dar um conforto do passado a um presente em que as relações sociais, para alguns desses sujeitos, não são mais reconhecíveis ou desejáveis, uma vez que diversas práticas e hábitos tradicionais deixaram de acontecer ou foram ressignificados, a partir do momento em que a vivência maior da modernidade passou a ser realidade. E, como mencionei nas Considerações Iniciais, neste artigo, tratarei da primeira dimensão desse trabalho da memória, deixando a discussão sobre a segunda para uma produção futura.

Assim, a estudante – agora já formada – Elizabete Alves Carvalho (2019), em seu TCC intitulado “Memória das transformações do modo de vida dos moradores da comunidade Alto Alegre, Santa Luz, Piauí, entre 1986 e 2018”, trabalha, como o próprio título indica, com o modo de vida na comunidade Alto Alegre, suas transformações e as memórias da população sobre essas transições. E, ao longo das análises feitas em seu estudo, a autora percebe que há um silêncio da maioria dos entrevistados a respeito das inúmeras dificuldades enfrentadas pelos moradores na realidade atual – que, inclusive, ela própria, como membro da comunidade, conhece e vivencia diariamente. Assim, ela traz a seguinte reflexão:

Assim, 20% dos entrevistados mostraram ter ressentimento pelo presente, mesmo tendo um passado de dificuldade, diferente da maioria dos entrevistados, que mostraram o ressentimento pelos fatos que ocorreram na sua vida no passado, pois segundo eles foi um passado onde eles vivenciaram e passaram muita dificuldade, hoje eles enxergam um presente de muita abundância e afirmam que a vida na comunidade está melhor. Porém, nas observações feitas na comunidade constatou-se que a mesma se encontra com uma quantidade de casas habitadas muito menor do que no passado, porque os mais jovens se mudam em busca de emprego e os mais idosos em busca de estarem mais perto

dos hospitais, pois os que já se mudaram da comunidade todos têm problemas de saúde. (CARVALHO, 2019, p. 11)

Nesse trecho, Elizabete nos conta que o número de moradores da comunidade tem caído e que lá existem, hoje, várias casas abandonadas, cujos antigos residentes foram atrás de melhores condições estruturais de vida no ambiente urbano. Conforme discuto em outro trabalho (COSTA, 2017), diversas produções acadêmicas da LEdoC-CPCE, já debateram as condições sociais que fazem com que as pessoas deixem o campo e com que diversas comunidades passem a ter uma população basicamente formada por idosos, uma vez que os sujeitos mais jovens tendem a ir às cidades em busca de educação e emprego. E, na fala de Elizabete, percebe-se que ela constatou que, na comunidade Alto Alegre, mesmo uma parte dessa população idosa também terminou por abandonar o local, devido à sua falta de estrutura de saúde. De acordo com dados levantados junto aos moradores, há cerca de trinta anos havia 15 famílias residindo na comunidade, totalizando cerca de 90 pessoas, enquanto hoje, há apenas oito famílias, com um total de 28 moradores.

Além disso, em relação à educação, a autora relata que a escola do campo que lá existe, já passou por reformas estruturais e recebeu recursos didáticos nos últimos anos, mas que, ainda assim, enfrenta grandes desafios no seu aspecto pedagógico, sobretudo, por funcionar de forma multisseriada, ou seja, com estudantes de séries diferentes compartilhando a mesma sala de aula, ao mesmo tempo e com o mesmo professor. Além disso, é citado um conflito de terras existente na comunidade entre seus próprios membros, relativo a questões de herança, que, segundo ela, contribuiu para que as relações entre os vizinhos se tornassem mais hostil, ou, ao menos, mais distante.

Entretanto, apesar dessa realidade em que se enfrentam ainda adversidades nada desprezíveis, ainda assim, apenas uma, dentre as cinco pessoas entrevistadas por Elizabete, se mostrou ressentida⁹ com o presente da comunidade. As demais, tenderam a apresentar representações positivas do momento vivido, sobretudo, ao se fazer comparações com o passado de pobreza e de isolamento. Uma das falas citadas no trabalho que chamam a atenção é em relação à realidade educacional que mencionei:

Mudou, porque naquela época, mais na frente, um pouco [perto] de trinta anos, mais ou menos há trinta anos, a gente ia na cidade lá em um depósito velho onde colocava aqueles materiais escolar (sic.) que não usavam mais. Aqui, as salas eram multisseriadas, as que hoje em dia é educação infantil, a educação infantil, a gente tinha que dá aula para o aluno que entrava na escola primeiro. Quando entrava era primeiro ano, segundo ano, terceiro ano e quarto ano, quinto ano então a gente ia naquele local pegava aquele livro, o tanto de aluno que fosse do primeiro ano, pegava não importava se era iguais (sic.). Os livros era uma de uma coleção

⁹ Para uma discussão sobre memória e ressentimento, ver: Ansart (2004).

e outro de outro a gente pegava trazia para ver se melhorava a situação. E hoje os alunos tem bom colégio pra estudar aqui mesmo na comunidade tem bom colégio todo na cerâmica, material não falta: livro, lápis, caneta, coleção. Tudo enfim, mudou muito pra melhor. (MENDES *apud* CARVALHO, 2019)

A memória, aqui, trabalha para ratificar um passado de penúria que possa cristalizar a imagem a ser apresentada de um presente belo e bom. E essa representação é construída de tal forma que o elemento da escola multisseriada (mostrado como negativo) é apresentado apenas na realidade passada, omitindo-se o fato da multisseriação ainda estar presente na escola. Não se trata aqui de afirmar que não houve melhora efetiva nas condições materiais da escola, nem tampouco, de duvidar de que a percepção da Dona Maria Amélia Martins Mendes, com 63 anos no momento da entrevista, seja efetivamente essa que ela apresenta. A grande questão é que a memória – independentemente de ser “autêntica” ou “falsa” – é uma construção de um passado que parte do presente de forma a fortalecer sua própria percepção do momento de onde parte a enunciação.

Nesse caso, a percepção de quem vivenciou muito desconforto, pobreza e isolamento de sua comunidade no passado tende a ser a de que o presente, quando muito disso foi amenizado em certo nível, é confortável, farto e bom. Nessa construção, não importa para quem emoldura suas memórias na parede da sala de estar se a condição atual ainda é de pobreza e de uma condição à margem dentro do contexto moderno e se no passado havia momentos felizes que não entraram na narrativa. O que importa é apresentar uma versão do passado que dê sentido à sua representação do presente. Não se trata de dizer que a entrevistada estava “mentindo”¹⁰, mas de evidenciar o polimento dado aos momentos reais do passado que foram selecionados em detrimento de outros, que não couberam na narrativa. Como lembra Pollak (1992, p. 204):

[...] a memória é um fenômeno construído. Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização.

Voltando à Dona Maria Amélia, seu relato não apresenta os desafios enfrentados na educação da comunidade no presente. Apenas dá ênfase aos recursos materiais que hoje existem e que faziam muita falta. E, como já mencionei, ela dá a entender que o contexto do ensino multisseriado só existiu no passado, deixando de lado sua continuidade no presente. E, de acordo com os dados apresentados no trabalho de Elizabete Carvalho (2019), apenas uma dentre os seus

¹⁰ Não é o caso, mas, mesmo que o entrevistado minta, é preciso entender o motivo da mentira estar presente no depoimento, utilizando, para isso, de uma análise do papel que a informação falsa desempenha na narrativa.

entrevistados, não compartilhou dessa representação do presente (embora tenha mostrado convergência ao representar o passado). Isso não quer dizer, entretanto, que as pessoas desconheçam as dificuldades pelas quais a comunidade passa, como o fato dela estar ficando cada vez menos habitada e os conflitos existentes, já mencionados. Ao contrário, essa realidade é silenciada, em nome da construção da narrativa, conforme a autora mostra ao analisar um dos depoimentos:

Segundo o senhor Miguel Pereira Mendes a comunidade melhorou 100%, mas, quando eu pedi para ele explicar o fato da comunidade estar com poucos moradores, ele falou que era “porque a maior parte quando fica de maior parte quando fica de maior vai caçar meios de trabalhar fora porque aqui não tem como viver”. (CARVALHO, 2019, p. 13)

Ou seja, o entrevistado sabe da existência dos transtornos que a comunidade enfrenta e está consciente de que eles podem se tornar impossíveis de suportar para uma parte dos moradores. Entretanto, esta é uma informação que ele revela apenas quando interpelado diretamente sobre o assunto, o que mostra que, espontaneamente, ela não estaria presente em sua narrativa. Esse silêncio faz parte da construção da representação do presente e da memória construída sobre o passado. De acordo com a autora, as condições materiais da comunidade efetivamente se tornaram menos penosas em relação à forma como os seus moradores viviam trinta anos antes, pois foram beneficiados pelas políticas governamentais já comentadas e, também, pelo aumento de possibilidades de renda. Hoje, segundo ela, entre as pessoas que vivem em Alto Alegre, há aposentados (que têm, portanto, uma renda fixa), funcionários públicos e beneficiários de programas, como Bolsa Família, sendo que antes, todos dependiam integralmente do que eram capazes de produzir e com baixíssimo acesso à tecnologia e ao comércio. Eles ainda produzem no campo, devido ao seu modo de vida, mas também, para complementar a renda, inclusive com criação de gado, que, segundo a autora, antes era uma atividade apenas de poucos dos moradores (CARVALHO, 2019). Isso, inclusive, é mais um indício da melhora na renda da população, uma vez que a criação de gado bovino, mesmo extensiva, é uma atividade de maior custo do que o trabalho de roça tradicional, pois requer, ao menos, algum capital para comprar os animais e iniciar a criação, além de eventuais custos de manutenção do rebanho. Além disso, outros ganhos estruturais contribuem para essa percepção positiva do presente que é relatada pela autora:

A comunidade, há 30 anos, não tinha energia e nem água, e, de acordo com a Dona Maria das Neves, a Dona Maria Amélia Martins e o senhor Miguel Pereira Mendes, eles buscavam água nos açudes, nas comunidades vizinhas, nas cacimbas ou barreiros e iluminavam com candeeiros que eram abastecidos de querosene e acendiam fogueiras à noite no quintal de casa para conversarem enquanto

chegava a hora de dormir. A comunidade atualmente tem água encanada que é distribuída pela prefeitura através de um poço e a energia por uma empresa particular. Outra conquista muito relevante foi o fato das pessoas hoje ter o telefone para se comunicar, alguns moradores tem em sua casa antenas que as permitem a ter o sinal de algumas operadoras e também antenas de televisão que não tinha naquela época. (CARVALHO, 2019, p. 10)

Elizabete, dessa forma, mostra que o que está dando base à construção de uma representação positiva do presente é o ganho estrutural que a comunidade teve. Além das melhoras de condições materiais de vida, aqueles sujeitos passaram a ter acesso a bens materiais e simbólicos característicos da modernidade que lhes vinham sendo negados há décadas, como sinal de telefonia celular e televisão, dando-lhes acesso a uma rede de comunicação à qual eles antes não tinham acesso. Isso, evidentemente, não elimina o caráter à margem da modernidade em que vivem esses sujeitos. Contudo, a possibilidade de serem embebidos pelas irradiações modernas – ainda que de forma muito menos intensa do que em locais mais centrais –, já é suficiente para se encantarem com o presente e intensificarem suas memórias ressentidas para com o passado.

Essa forma de representação dos momentos pretéritos e dos atuais também está presente no trabalho de Eva de Sousa Silva (2019), que traz o título: “A intervenção das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação na transformação da sociabilidade na Comunidade Aliança do Gurgueia”. Em seu trabalho, Eva trata da memória da comunidade em questão sobre o processo de maior inserção no mundo das Tecnologias de Informação e Comunicação, principalmente, a partir do início do uso da internet, em algum momento entre 2012 e 2014. Nesse ponto, por si só, já temos um aspecto da condição à margem da comunidade dentro dessa “nova” faceta moderna, que é a interligação maior e mais rápida entre diversas partes do mundo através da rede mundial de computadores.

De acordo com um *blog* de assuntos relacionados à tecnologia, o primeiro acesso à *internet* realizado no Brasil foi em 1988, em uma conexão feita pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) com um laboratório norte-americano (KLEINA, 2020). Daí em diante, a *internet* foi se popularizando, ao longo dos anos 1990, ainda que atingindo, num primeiro momento, apenas as camadas altas e médias da sociedade. E, dessa forma, o fato de que a comunidade Aliança do Gurgueia, como Eva Silva descreve, somente passou a ter em seu próprio território o acesso a essa ferramenta de comunicação aproximadamente 25 anos depois desse marco inicial da referida rede no país é um claro resultado dessa condição à margem na modernidade global.

E essa distância da centralidade da vivência moderna dentro do que é irradiado globalmente – e até nacionalmente – é o centro dos ressentimentos presentes nas memórias dos

moradores da comunidade, de acordo com o trabalho realizado por Eva Silva. Ela nos mostra que seus entrevistados tendem a apresentar uma representação muito positiva do presente, no que diz respeito às transformações vivenciadas no local a partir da chegada das tecnologias da informação, sobretudo a *internet*. O universo chamado Aliança do Gurgueia, que é construído nas falas apresentadas por eles, é belo, principalmente, por ser *integrado*. Nesse sentido, um dos motivos centrais de ressentimento no passado apresentados pelos entrevistados é o *isolamento*, sobretudo, informacional. As falas analisadas pela autora entregam uma imagem de um passado em que o mundo fora da comunidade era de difícil acesso e, conseqüentemente, as possibilidades de comunicação com os contextos que transcendiam o próprio território eram escassas. E essa construção do presente e do passado é protagonista nos depoimentos de todos os entrevistados, tendo, todos eles, feito falas como a que segue:

É muito importante esses meios [de comunicação] (sic.), pois a partir deles nosso país e comunidade se desenvolveu (sic.), trazendo notícias do mundo inteiro e a gente fica informado das coisas. *Porque antes não sabíamos de nada*, acreditava em tudo que o povo da cidade contava e hoje a gente fica sabendo de tudo em nossa casa mesmo. (LOPES *apud* SILVA, 2019) (Grifo meu)

Novamente, a condição à margem em que a comunidade vivia (e continuou vivendo, mas a percepção dos moradores é a de que isso acabou ou, pelo menos, diminuiu significativamente) inspira memórias ressentidas sobre o passado, ao passo em que o acesso à informação trazido por essa maior vivência moderna do desencaixe traz um deslumbramento com essas possibilidades que sempre lhes foram negadas. Nesse sentido, Eva Silva (2019, p. 09) faz a seguinte reflexão:

De acordo com os entrevistados, os moradores da comunidade Aliança, antes da chegada das tecnologias, se comunicavam apenas com a informação que era transmitida de pessoa para pessoa, eles tinham que acreditar nos fatos como eram-lhes passados pelos amigos e ou vizinhos mais próximos, e, além de tudo, há nas falas uma espécie de alongamento do senso de comunidade. Antes, a informação circulava dentro da comunidade, era um tipo de vínculo entre as pessoas de dependência da informação. Agora, esse vínculo não existe mais ou foi ressignificado, porque a informação já vem de fora. Agora todos sabem a tempo e na hora o que acontecem pelo fácil acesso deles à *internet*.

Ou seja, para a autora, o acesso facilitado às informações com menos intermediários no processo traz um sentimento de que a comunidade se alongou e, precisamente isto é evidenciado em suas falas como uma mudança positiva. A condição marginal em relação aos processos modernos é, como mencionei, a tônica principal em seus ressentimentos. Em alguns momentos, há nas falas dos entrevistados, inclusive, uma representação desse acesso como um elemento de emancipação sociopolítica:

As contribuições foram muitas, a gente fica sabendo das coisas que acontece (sic.) no mundo, fica informado de tudo, quando tem uma verba que é pra comunidade a gente fica sabendo, antes a gente não sabia de nada, só sabia através do prefeito, as autoridades chegavam diziam: “olha, chegou isso”. E a gente nem sabia se era só isso mesmo e hoje a gente não é tanto enganado. (SANTOS *apud* SILVA, 2019)

Ou seja, a construção de um belo presente na comunidade Aliança do Gurgueia, a partir do acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação, também se ampara em um critério político: a acessibilidade às informações públicas e, conseqüentemente, o fim da necessidade de ficar à mercê apenas do que é dito – e ainda de forma não-oficial – pelas autoridades políticas. E, entre esses sujeitos, a força da representação positiva do presente de integração a esse mundo moderno das comunicações facilitadas é tão notória que, mesmo um aspecto que em outros trabalhos – como o de Elizabete Carvalho (2019), por exemplo – aparece nas falas dos entrevistados como um ponto de sombra em meio a essa atualidade luminosa que nos é apresentada, surge aqui como mais um elemento positivo: a influência dessas tecnologias nas sociabilidades. Isto é, a queixa de que a chegada da internet e dos *smartphones* às comunidades tornou as pessoas mais individualistas e que afastou os sujeitos de uma mesma comunidade, “destruindo” as práticas culturais compartilhadas é bastante comum quando trabalhamos com esse tema nas comunidades camponesas – e, mesmo entre os entrevistados de Eva Silva, houve quem apresentasse essa ponta de ressentimento com a mudança.

Contudo, a autora nos apresenta falas compartilhadas por parte dos seus entrevistados que trazem uma representação em comum que vai na contramão da queixa comumente explicitada: o uso da *internet*, para eles, tornou *mais próximas* as relações entre as pessoas. A autora cita quatro entrevistados que trazem essa visão positiva das sociabilidades mediadas pelas tecnologias e apenas um que apresenta o ressentimento que é comumente representado. Após comentar duas dessas citações, ela analisa:

Esses moradores, José Salvador e Felix Dias, relatam que, após a chegada da internet, houve uma melhora no convívio pois fica mais fácil se comunicar com moradores que moram mais distante. Também falam que com a internet podem falar com quem querem sem saírem de casa, após um dia de trabalho cansado, e isso facilitou suas vidas. A internet foi conseguida através de recurso para comunicação em parceria com o governo do Estado, que colocou uma rede de acesso através de dados móveis pela operadora Claro; todos podem acessar, essa torre da Claro fica localizada na cidade de Colônia do Gurgueia, e esse sinal vai até a comunidade, que fica bem próxima. (SILVA, 2019, p. 13)

No trabalho da autora, fica evidente o quanto a presença da *internet* na comunidade é um elemento central nessa representação positiva do presente em que os moradores se mostram como sujeitos que *superaram o isolamento*, que é o foco dos ressentimentos com o passado. E outro ponto que chama a atenção é que não se está falando aqui de um serviço de *internet* domiciliar fixa, de banda larga ilimitada, mas de rede de dados móveis, transmitida por uma torre de transmissão de sinal de telefonia celular, sendo que, até hoje, esse tipo de serviço de *internet* é, principalmente nos planos de menor custo, muito mais limitado em relação ao pacote de dados e à velocidade de conexão. Ou seja, nesse ponto específico, em relação à vivência maior dessas irradiações modernas, essas pessoas ainda assim, estão em uma condição à margem, pois o tipo de acesso que eles passaram a ter naquele momento ao mundo digital ainda era muito limitado – com esse tipo de conexão é difícil ter acesso, por exemplo, a vídeos mais longos, plataformas de *streaming*, *podcasts*, dentre outras fontes de informação que, na centralidade da modernidade – e até em muitos pontos da periferia – já eram amplamente usadas naquele momento. Assim, o fato de suas “antenas de modernidade” poderem captar algum resquício do sinal irradiado pelos centros já é o suficiente para produzir uma representação forte de uma comunidade que vivencia com plenitude considerável os processos modernos e para produzir uma representação de ressentimento com o passado em suas memórias.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dois trabalhos comentados aqui trazem uma reflexão acerca das construções de memória de comunidades camponesas diante de uma vivência um pouco mais intensa das irradiações modernas. Uma vez que a modernidade é um fenômeno complexo e englobante, a tendência é a produção de reações ambíguas e até contraditórias entre os sujeitos que a experimentam. A vivência à margem pode levar esses viventes ao sentimento de não estar integrado, de não fazer parte do mundo, já que “o mundo inteiro está vivenciando uma realidade” da qual não se faz parte. Sabemos, ao analisar a questão com maior profundidade, que “o mundo inteiro”, nesse caso, se refere, efetivamente falando, à centralidade do mundo moderno e a alguns pontos mais periféricos, mas ainda não tão “na borda”. E ainda é possível refletir que a condição à margem, nesse caso, não é apenas geográfica, mas também social. Mesmo dentro da centralidade há grupos sociais que vivem à margem e mesmo dentro da periferia há uma parte da população que está mais integrada às irradiações modernas do que as outras.

Nesse sentido, para os sujeitos que estão à margem da modernidade global, a sensação tende a ser a de *não-integração*, o que faz com que, quando finalmente algumas daquelas ondas que

são irradiadas da centralidade da modernidade vão chegando na periferia da periferia, ainda que com uma intensidade muito menor do que aquela dos pontos de irradiação, surja uma tendência de que os sujeitos, agora com um nível mínimo de capacidade de se irradiar por essas ondas, sintam-se integrados. E, com tal sentimento, há também uma tendência a se ressentir com o passado em que mesmo essa integração mínima lhes era negada.

Entretanto, como já mencionei ao longo do texto, as memórias e as representações das populações camponesas que surgem a partir de uma relação um pouco mais íntima com as irradiações modernas não podem ser resumidas no ressentimento com o passado não integrado e no encantamento com o presente (pouco) irradiado. Isso porque, a modernidade, como foi dito, encanta enquanto traz a insegurança da perda do chão. A penetração do capitalismo (elemento central da modernidade) no campo tende a transformar as comunidades camponesas em seus modos de vida, em suas tradições e, até mesmo, em seus sentimentos em relação ao próprio local, sobretudo quando o campo entra no mundo capitalista apenas como terra disponível para ser explorada pelo agronegócio. E o modelo de modernidade que é irradiado não traz o campesinato consigo. Ao contrário, traz o modelo urbano, industrial e capitalista (GIDDENS, 1991).

O que estou dizendo é que a irradiação que é emitida nos pontos centrais, de maior poder de difusão, também traz uma onda de urbanização, que tem outros planos, que não os camponeses, para o ambiente rural. E nem sempre isso é recebido pelas comunidades de forma a manter sua identidade tradicional ou a ressignificá-la sem a tendência de a destruir. O moderno traz algum consolo estrutural, tecnológico e de consumo em todas as modalidades, mas também trouxe, ao longo dos anos, a tendência de atacar a identidade camponesa, por se mostrar urbanocêntrico e apresentar planos para o rural envolvendo apenas a grande produção, o negócio capitalista, ou a produção em pequenas propriedades, familiar, mas, ainda assim, como um negócio, e não como um modo de vida, que é uma característica central da agricultura camponesa – o trabalho indissociável da vida.

Diante disso, assim como a realidade é heterogênea, multifacetada, também a memória e as representações o são. Neste artigo, procurei apresentar um de seus aspectos, que é quando a sensação de integração a uma comunidade muito maior – o mundo – tem um peso maior nas representações e na memória dos sujeitos do que as transformações no modo de vida, nas tradições e nas relações pessoais. A partir da análise dos trabalhos das autoras Eva Silva (2019) e Elizabete Carvalho (2019) e, ainda, considerando que a memória é uma construção a partir de recortes do real devidamente lustrados e organizados, é possível ponderar que as memórias, nesse caso, trabalharam para a construção de uma identidade social de comunidades que “superaram a não-integração à modernidade”. E o trabalho da memória, aqui, é para se manter essa narrativa viva,

para alimentar o sentimento de “finalmente ser moderno” – ainda que a condição permaneça à margem, mas com um pouco mais de acesso aos bens diversos irradiados pela modernidade. E isso, também, é uma evidência de um sentimento de identidade social: aqueles que “superaram a condição à margem”.

É nessa construção identitária que trabalham tanto o ressentimento com o passado quanto o encantamento com o presente. Entretanto, ainda existe o outro lado dessa modernidade associada às comunidades camponesas, que fica de fora dessas memórias. E, como já mencionei, em outras comunidades e outros grupos de populações do campo, esse lado esquecido pelos sujeitos analisados aqui pode ser justamente o protagonista de suas memórias, representações e construções identitárias. Mas, como também já adiantei, isso é assunto para outro momento.

REFERÊNCIAS

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Maria Stella; NAXARA, Márcia Regina C. (Orgs.). **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004. p. 15-36.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

CARVALHO, Elizabete Alves. **Memória das transformações do modo de vida dos moradores da comunidade Alto Alegre, Santa Luz, Piauí, entre 1986 e 2018**. Artigo de Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (Licenciatura em Educação do Campo – Ciências Humanas e Sociais) – Campus Professora Cinobelina Elvas. Universidade Federal do Piauí, Bom Jesus, 2019.

COSTA, Fernando Muratori. A memória camponesa no sul do Piauí: relato de várias odisséias por um oceano de ressentimentos. In: NUNES, Ranchimit Batista (Org.). **Experiências, realidades e contextos da educação do campo no sul do Piauí**. Curitiba: CRV, 2017. p. 75-88.

COSTA, Fernando Muratori. **Nas margens da modernidade: música e percursos de memória em Teresina (anos 1980)**. 2019. 373 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

KLEINA, Nilton. **Como tudo começou: a história da internet no Brasil** [vídeo]. 2020. Disponível em: < <https://www.tecmundo.com.br/mercado/129792-tudo-comecou-historia-internet-brasil-video.htm> >. Acesso em: 3 jun. 2020.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PROGRAMA Luz para todos – Home – Equatorial Piauí. Disponível em: < <https://www.equatorialpiaui.com.br/index.php/a-empresa/programa-luz-para-todos> >. Acesso em: 01 jun. 2020.

SILVA, Eva de Sousa. **A intervenção das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação na transformação da sociabilidade na Comunidade Aliança do Gurguéia.** Artigo de Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (Licenciatura em Educação do Campo – Ciências Humanas e Sociais) – Campus Professora Cinobelina Elvas. Universidade Federal do Piauí, Bom Jesus, 2019.